

CARTOGRAFIA DA AÇÃO SOCIAL: REFLEXÃO E CRIATIVIDADE NO CONTATO DA ESCOLA COM A CIDADE

Cartography of social action: Contact of the school to the city

Catia Antonia da Silva
Docente adjunto do Departamento, do Programa de Pós-Graduação em História social e em
Geografia (FFP – UERJ)
Catia.antonio@gmail.com

Ivy Schipper
Mestre em Planejamento Urbano e Regional (IPPUR-UFRJ) e Pesquisador Técnico do LASTRO-
IPPUR-UFRJ e da FAPERJ.
ivyshipper@ig.com.br

Artigo recebido em 15/09/2012 e aceito para publicação em 20/09/2012

RESUMO A professora Ana Clara Torres Ribeiro, fundadora do *LASTRO (Laboratório da Conjuntura Social: Tecnologia e Território)*, idealizou o projeto “Cartografia da ação e a juventude em São Gonçalo”, e redigiu-o e desenvolveu em colaboração com o *LEME (Laboratório de Estudos Metropolitanos)*, do *Núcleo de Pesquisa e Extensão: Urbano, Território e Mudanças Contemporâneas*. O projeto implementou-se em quatro etapas, de 2009 a 2011, por meio de diversas atividades realizadas no município fluminense de São Gonçalo, dentre elas as que se efetuaram nos Colégios Estaduais Luiz Palmier e Carlos Maia, estas com resultados de especial interesse. O objetivo do projeto foi exercitar a metodologia de ensino da cartografia da ação, problematizando, para isso, tanto a formação do sujeito na luta por direitos quanto os imaginários sociais urbanos construídos acerca de tal município. Este artigo tem por finalidade expor os procedimentos da investigação, assim como analisar as possibilidades metodológicas de desvendar a geografia e a sociologia do presente.

Palavras-chave: Ação social, Cartografia, Ensino, Cidade, Metodologia.

ABSTRACT Professor Ana Clara Torres Ribeiro, founder of the *LASTRO (Laboratory of Social Conjuncture: Technology and Territory)*, conceived the project entitled ‘Action Cartography and the Youth in São Gonçalo’, and prepared it in collaboration with the *LEME (Laboratory of Metropolitan Studies)*, of the *Research and Extension Core: the Urban, Territory and Contemporary Changes*. The project was developed in four phases, from 2009 to 2011, through a number of activities in the city of São Gonçalo, Rio de Janeiro state, including those which, carried out in the Carlos Maia state school and in the Luiz Palmier state school, produced results of particular interest. The objective of the project was to exercise the methodology of teaching action cartography by problematising both subject building in the fight for rights and the social urban imaginaries built on that city. This article aims at showing the research procedures, specifically in the case of the school above, as well as analysing the methodological possibilities of unveiling the geography and sociology of the present.

Keywords: Social action, Cartography, Education, City, Methodology

INTRODUÇÃO

Desenvolvida através de parceria entre o LASTRO-IPPUR/UFRJ e o LEME/FFP-São Gonçalo junto ao projeto de pesquisa: Cartografia da ação e juventude e São Gonçalo (FAPERJ – Edital Humanidades, 2009), a cartografia da ação social na escola buscou a discussão sobre as práticas espaciais da infância e as formas de leitura e de apropriação da cidade, em mudança, que as orientam. Trata-se, aqui, do diálogo entre a Geografia e a Sociologia, na proposição teórica e metodológica a partir da análise da cartografia da ação sócia na escola. A análise e a pratica foram recortadas por delimitação de áreas de atuação que necessitam da aplicação de métodos que estimulem o sujeito do conhecimento, a criança, à criação é à corporificação do movimento na sociedade, em sua socialização pela escola.

A cartografia da ação social concebida por Ana Clara Torres Ribeiro inscreve-se a uma proposta teórica e metodologia de referencia dialógica e dialética, que parte do principio das trocas de olhares entre as produções científica e do principio da produção social e dos conhecimentos produzidos pelos sujeitos em seus cotidianos praticados.

O projeto encontra-se dedicado à juventude de São Gonçalo (RJ), destacando as suas condições de vida e anseios relacionados à apropriação do espaço urbano. Num contexto marcado pela violência – que atinge, sobretudo os jovens entre 11 e 24 anos – e pela carência de oportunidades de trabalho e de formação intelectual, propõe-se a realização de uma pesquisa que valoriza o protagonismo da juventude no desvendamento de intervenções urbanas que reduzam as desigualdades sociais, a fragmentação territorial e as diversas formas de espoliação (Kowarick, 1975) que se repetem no cotidiano de municípios periféricos da região metropolitana do Rio de Janeiro.

O município de São Gonçalo – com uma área de 251 km² e uma população que passa de 891.119 m 2000 para 999.901 habitantes em 2010 (IBGE, 2010) – apresenta, um crescimento relativamente alto. Trata-se, portanto, de um município submetido a fortes pressões sociais, que se sobrepõem a carências urbanas acumuladas em sua trajetória histórica recente. Neste município, que apresenta o quarto produto interno bruto e abriga o terceiro colégio eleitoral do estado, a juventude das classes populares tem os seus anseios de realização individual tolhidos pela pobreza e pelo isolamento em comunidades que mais enclausuram do que ensinam e libertam (Carrano, 2002; Bauman, 2003).

O presente artigo tem a intenção de apresentar alguns resultados da pesquisa, referentes a aplicação da metodologia de ensino da cartografia da ação social, demonstrando atividades e a seguir no Colégio Carlos Maia, que articulam à leitura sistemática de notícias de jornal como técnica de estímulo na compreensão da cidade de São Gonçalo, a confecção de mapas coletivos feito pelas crianças. Estimulou-se ainda a técnica de teatro e da multiplicidade de linguagens na expressão do dizer sobre a cidade. Desse modo, o artigo divide-se em duas partes: a base teórico-conceitual, a experiência construída na existência da escola e resultantes produzidos, por meio dos mapas.

Neste sentido, o artigo encontra-se dividido em duas seções. A primeira tem a intenção de apresentar a base teórica e conceitual da cartografia da ação social. A segunda tem a finalidade de apresentar análises sobre as experiências e procedimentos realizados no Colégio Luiz Palmier e Carlos Maia.

CARTOGRAFIA DA AÇÃO SOCIAL: CONSTRUINDO O RECORTE TEÓRICO CONCEITUAL

No diálogo da Sociologia com a Geografia, fundamental compreender as ações sociais como forma e sentido de apropriação do território. Este território, como ensina Milton Santos, usado, disputado, resultados e ativo às muitas ordens e racionalidades. A cartografia da ação social visa compreender os processos de apropriação da cidade, por meio de lutas, protestos, reivindicações e pensar trajetórias dos homens comuns em sua enraças pela cidade (CERTEAU, 2009). A cartografia, conceito e técnica historicamente trabalhada pela Geografia, em geral consiste nas formas de representação de objetos e pessoas. Trata-se da própria coisificação do social na medida em que foi idealizada para ser lida como expressão mais acabada da realidade. Predominam os mapas oficiais, e cada vez mais os mapas têm se tornado instrumentos de racionalizações dominantes, dos saberes dominantes, quer seja pelo Estado e pelas empresas. No debate sobre a cartografia social, engendra-se o uso ou a elaboração de mapas que expressão os movimentos sociais (SANTOS, 2011). Na novidade, surge um conjunto de possibilidade de emancipações, mas também de novas formas de dominação, sobretudo quando estes mapas de movimentos sociais são apropriados não pelo movimento, mas pelos agentes dominadores. Daí os paradoxos do tempo presente emancipação-dominação.

Por isso Ana Clara Torres Ribeiro chamava a atenção para os perigos da cartografia da ação social e da divulgação rápida – *on line* – de bancos de dados sociais que atualizam a vida coletiva sobre as camadas populares e sobre os cotidianos das lutas sociais. Estes devem ser concebidos e apropriados pelo grupo social e o mesmo deve ser sujeito do processo e dos produtos criados.

A ação social, portanto, não é ato, mas o ato pensado, concebido, possuidor princípios e consciente de sentido, do sentido de estar no mundo e de resistir. A cartografia da ação social necessita ser compreendida como um processo social coletivo. Não termina, nem começa com o mapa. Não tem como finalidade o mapa em si. Mas o processo formativo de produção de um trabalho coletivo, elaborado a partir de um projeto-problema, criado pelo coletivo. A representação produzida coletivamente pode ser tomada como a representação espacial e social necessária, o que permite ver o território e as territorialidades (ação no espaço) de si e dos outros – sintonias, diacronias, centralidades, descentralidades – dialogando questões coletivas no tempo presente, o que permite fazer um análise da conjuntura social e territorial.

Segundo Ana Clara Torres Ribeiro (2011), a conjugação de métodos e técnicas da sociologia, da geografia e da educação envolve a formação de dossiês construídos por uma cartografia que será utilizada e complementada com informações obtidas através da gradual incorporação dos grupos de jovens na realização do projeto. Esta cartografia, definida de forma dialógica, será inicialmente construída com a alocação, em bases digitalizadas e plantas cadastrais, das seguintes informações, envolvendo o município de São Gonçalo e municípios vizinhos: condições de vida urbana, centralidades (espaços públicos e concentração de comércio e serviços), organizações da sociedade civil, órgãos de governo, equipamentos culturais e esportivos, corredores de trânsito e meios de transporte.

São suas palavras:

“A esta cartografia serão adicionadas informações obtidas mediante a elaboração de mapas mentais; a realização de entrevistas abertas e a aplicação de questionários aos grupos de jovens. O recurso a estas técnicas, articuladas à produção de imagens (FERRARA, 1999), visa o conhecimento da experiência urbana da juventude incorporada ao projeto, incluindo informações sobre: universo familiar, redes de vizinhança, estrutura de hábitos, usos do espaço

e do tempo, experiência nas instituições de ensino e no trabalho, identificação de barreiras na apropriação do espaço urbano. Por sua vez, a incorporação dos jovens à pesquisa implica na articulação da técnica dos grupos focais (MINAYO et al, 1999) – que permite a manifestação de valores culturais, opiniões e anseios – e da pesquisa-ação (THIOLENT, 1985; DIONNE, 2007), que possibilita que o projeto alcance os seus objetivos maiores, relacionados à defesa dos direitos de cidadania da juventude residente na região do leste metropolitano. (RIBEIRO e SILVA, 2009, p. 9)

A pesquisa visa justamente conhecer e estimular a reflexão do espaço vivido dessa juventude e, ao mesmo tempo, formar os jovens envolvidos no projeto no domínio de informações e técnicas de expressão de sua experiência urbana. Compreender as práticas, as táticas, os vínculos sociais, os desencantos e os desejos dos jovens exige uma análise contextualizada de ações sociais e o mapeamento (objetivo e subjetivo) de (des)encontros com a cidade. Neste projeto, este mapeamento orientou-se por uma geografia da existência – buscando entender a geografia do cotidiano praticado (RIBEIRO, 2011) e por uma cartografia que valoriza cada gesto, iniciativa e projeto dos sujeitos sociais. Nesta direção, a denominada cartografia da ação possibilita o exame simultâneo de formas de apropriação do espaço urbano e de sentidos da ação, incluindo as suas origens, objetivos, formas de manifestação e simbologia. É a partir desses pressupostos que se orienta a produção do mapeamento pelos sujeitos.

A cartografia da ação social constrói-se no movimento da sociedade, por meio dos anseios, dos desejos, das trajetórias e da imaginação dos homens lentos. É a cartografia que representa a resistência, as insurgências, outras visões de mundo, diferente da cartografia oficial, da cartografia da mídia, da cartografia e da cartografia das empresas. Em uma espécie de transição do mapa com o mundo presente conversa com o imaginário estético dos alunos do ciclo fundamental do ensino público estadual em São Gonçalo – foi estimulada a associação entre reflexão e criação, através de usos alternativos do espaço-tempo na escola com os alunos e diferentes técnicas e materiais de trabalho artístico. Neste ponto é necessário Sublinhamos que a criatividade compreendida pela cartografia da ação pode se originar tanto no saber trazido pelo sujeito do conhecimento – o aluno, assim como no encontro entre este e um conjunto de práticas utilizadas como ferramenta de diálogo e registro da memória infantil do presente na cidade.

A experiência do Laboratório da conjuntura social: tecnologia e território (LASTRO) do IPPUR/UFRJ no desenvolvimento da metodologia da cartografia da ação tem permitido que esse exame aconteça através de uma rede de conceitos que valorizam os nexos entre tecido social e espaço urbano como indicam, entre outras, as seguintes noções: microconjuntura urbana; superficialização de relações sociais; território praticado; espaço público provisório e tentativo; arena oculta; impulso global; circuito perverso; humanismo concreto; sujeito corporificado; mercado socialmente necessário (RIBEIRO et al, 2005-2006). Estes conceitos têm sido utilizados para a análise crítica de informações veiculadas pela grande imprensa e para a identificação de atores sociais e políticos que, de fato, estão “nas ruas”.

Enfim, a cartografia da ação é uma ferramenta de pesquisa idealizada pela profa. Ana Clara Torres Ribeiro e é desenvolvida no LASTRO desde 1999. Através da parceria com o LEME- - NUTEMC - FFP/ UERJ-São Gonçalo, abriu-se a possibilidade de levar esta metodologia de pesquisa às classes do ensino fundamental da rede pública estadual de São Gonçalo, tomando a forma (em desenvolvimento) de uma metodologia de ensino. Esta visa transformar a leitura da realidade a partir das notícias de jornal, em sala de aula, em um procedimento das ciências sociais aplicadas, um exercício de interdisciplinaridade, e também de crítica aos mapas tradicionais. Assim, nos envolvemos

na construção de um mapa síntese da ação social tentando reduzir a ênfase geralmente dada ao espaço em favor da representação da dinâmica da sociedade.

CONSTRUINDO A CARTOGRAFIA DA AÇÃO A PARTIR DA PRÁTICA NA REDE PÚBLICA ESCOLAR

O processo, ligado à rede de ensino, teve início em 2009, e se caracteriza por levar aos alunos da escola pública, em algumas sessões durante o semestre, os princípios de investigação da cartografia da ação, adicionando procedimentos considerados didáticos e adequados à prática da cartografia.



Fonte: Experiência Cartografia da ação na Escola Estadual Luiz Palmier - SG, turma 603, maio 2009. Bolsista TCT Ivy Schipper

Alguns expedientes prévios foram sendo considerados indispensáveis, tais como:

- a) acordo entre a Faculdade de Formação de Professores, a Coordenadoria Metropolitana de Educação e a Escola que recebe a equipe do projeto.
- b) acerto entre laboratórios no que se refere os conceitos a serem trabalhados nas práticas de ensino. Este acerto permite a elaboração de um glossário de apoio às sessões nas salas de aula, sendo o seu conteúdo lido com os alunos.
- c) estabelecimento de um vínculo com o jornal regional “O São Gonçalo”, indispensável à pesquisa da ação social, já que nos garante o acesso a edições diárias passadas e, ainda, ao acervo de fotografias reunidas ao longo dos anos. Este acervo se constitui num meio alternativo de coleta de ações sociais, permitindo o ágil acesso a imagens da vida cotidiana.

Em termos práticos, é proposta aos alunos uma leitura da realidade a partir de:

- a) alguns saberes sobre a cidade trazidos pelo aluno (Freire, 1996, p.30: “Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles tem como indivíduos?”);
- b) uso do glossário desenvolvido pela profa. Ana Clara Torres Ribeiro (2009), contendo definições relativas a elementos da ação social e do espaço urbano;

- c) leitura de notícias do jornal local (O São Gonçalo) sobre reivindicações e protestos populares no espaço público, sobretudo em relação à precariedade das condições de vida,
- d) desconstrução do texto jornalístico, através de ficha de classificação da notícia em categorias sociológicas,
- e) simbolização das categorias da ação através de desenhos dos alunos, e
- f) construção de mapas legendados dos protestos contra as más condições de vida, a partir deste material produzido com os alunos.

Nas quatro oportunidades de aplicação da cartografia da ação na escola ocorridas até o momento (abril-maio 2009; novembro-dezembro 2009; setembro-novembro 2010 e maio-julho 2011), alguns desafios foram se apresentando, sendo gradualmente superados, e outros apenas se esboçaram, exigindo futuro aprofundamento através de novas experiências.

Assim, podemos dizer que, na primeira experiência, o grande desafio para nossa equipe (formada por mim e dois licenciandos do Departamento de Geografia da FFP-UERJ, Paola Machado de Oliveira e Luis de Souza Jr) foi verificar a aplicabilidade da realização de leitura de notícias pelos alunos, incluindo a sua classificação em categorias sociológicas: sujeito da ação; tipo da ação; opositor da ação; lugar do problema enfrentado; lugar da ação e, também, realizar a construção de um mapa em sala de aula. Para isto, foi desenvolvida uma ficha de classificação Luis Cesar Peruci do Amaral do LASTRO que veio se aperfeiçoando. Esta ficha foi aplicada em todas as experiências nas escolas. É importante frisar que foi enfatizada, junto aos alunos, a necessidade de identificação da informação, considerando não apenas a sua fonte - o jornal O São Gonçalo, como, também, o tempo - data da notícia, no jornal – página e sessão do impresso e autoria da matéria e fotos.

A segunda experiência reuniu uma gama mais profunda e variada de desafios, com destaque para os procedimentos de aproximação entre sujeitos, as crianças, e os equipamentos digitais. Na medida em que escolhemos uma turma de 4ª série-5º ano, colocou-se o desafio de trabalhar com um segmento do ensino desconhecido para a equipe do projeto, devido à sua pouca idade e nível de aprendizado, em relação à formação oferecida nas licenciaturas universitárias. No que concerne os conceitos, propusemos a construção de um mapa representando a aproximação entre o sujeito da ação escolhido para o trabalho – os pescadores, e o sujeito do conhecimento com que trabalhamos – os alunos, reconhecendo ainda uma certa especificidade em nossa tarefa inusitada, apenas tentativa. Assim, foi registrada, no mapa, a investigação da ação das crianças de São Gonçalo (considerando o saber e a experiência dos alunos através da representação por desenhos de suas atividades no espaço urbano), adicionando a aplicação da interesalaridade para representar a ação política dos pescadores através de barqueata em um contexto metropolitano. À época, procurávamos relacionar os alunos da Escola Carlos Maia (nome de uma antiga liderança da colônia de pescadores artesanais locais) ao movimento dos pescadores que obteve da Petrobrás, diante da deterioração do ambiente marinho da Baía de Guanabara, agravada depois do vazamento de óleo da Refinaria REDUC em 2000.



Fonte: fornecido pela Federação de Pescadores do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

Em 2010 e 2011, vivemos oportunidades marcadas pelo fato de termos assumido quatro turmas (duas de 3ª série e duas de 4ª série-2010), o que levou a um esgarçamento de nosso tempo e do trabalho de aproximação com os alunos. Nesta experiência, não foi possível trabalhar com a ação das crianças. Trabalhamos apenas com ações sociais de alcance municipal e, por esta razão, não foi aplicada a interescolaridade, o que não nos impediu de construir um mapa na escala intramunicipal. Este período foi dado ênfase a compreensão da cidade de São Gonçalo.



*Fonte: Experiência Cartografia da ação na escola III
Francisco B. da C. Ottoni e a turma 501 da Escola Estadual Carlos Maia – dez 2010*

Por outro lado, nesta oportunidade, além de trabalharmos com diferentes notícias de ação social coletadas do jornal “O São Gonçalo”, em cada turma (duas notícias por turma), experimentamos a aproximação com a leitura da ação dos pescadores através do relato de Felipe Andrade Rainha (LEME-NUTEMC-FFP-UERJ que participou com os pescadores, dando apoio científico, das atividades de limpeza da Baía de Guanabara - cujo financiamento pela Petrobrás, foi uma vitória da luta dos pescadores). Obtivemos, assim, uma nona ação que integrou os registros do mapa coletivamente elaborado pelas turmas. Vale ressaltar que o colégio Carlos Maia fica próximo a duas grandes comunidades de pescadores em São Gonçalo, no Bairro Porto Velho. Na pesquisa censitária entre os alunos do colégio, cerca de 30% tinha algum tipo de envolvimento com a pesca artesanal junto à Baía de Guanabara.

Sintetiza os resultados alcançados nesta experiência (SILVA, 2011):

“A atividade pesqueira artesanal (secular na Baía de Guanabara) foi compreendida como um dos principais alvos da degradação desses ambientes, além dos alunos se reconhecerem também como prejudicados nesse contexto, pois perceberam que muito lhes é privado por causa da poluição. “Os projetos e processos de modernização desses espaços, bem como a lógica capitalista de consumo foram apontados, pelos alunos, como principais opositores do equilíbrio desses meios naturais. Dessa forma, a necessidade de promover ações que rompam com o processo de destruição desses espaços foi apresentada e, logo, apreendida”.(SILVA, 2011. p. 34)

Na medida em que três turmas eram do turno da manhã e uma do turno da tarde, aproveitamos a turma do turno da tarde para *experimentar* algumas práticas em que introduzimos atividades simples de Teatro Imagem (BOAL, 2005), visando a representação da ação social a partir de imagens de protesto colhidas da Internet



Fonte: *Experiência Cartografia da ação na Escola III, Escola Estadual Carlos Maia, turma 402, novembro de 2010*

Em relação ao mapa, como produto final, ocorreu que a legenda ganhou grande destaque em termos de tamanho, o que favoreceu a visualização das representações em desenhos dos alunos .

Nesta experiência, surgiu ainda a possibilidade, por sugestão de nossa orientadora, de que, ao invés de sistematizarmos um relatório, realizássemos uma entrevista respondendo às suas próprias indagações sobre esta experiência com a cartografia da ação.

Na última experiência, (maio – julho 2011), nossos desafios foram relacionados à construção de dois mapas onde houve diversificação de materiais na simbolização da ação social, com o uso de desenhos e recortes de revistas. Chegamos também a praticar a criação de desenhos com os alunos, concebidos após a leitura e compreensão dos termos do glossário.

No sentido de aprofundar esta possibilidade de trabalhar com diferentes simbolizações da ação social, a nossa equipe realizou antecipadamente uma visita ao Museu de Imagens do Inconsciente para investigar representações da ação em um estado radicalizado de implicação criativa na arte e conexão com o imaginário visual. Surpreendeu-nos, neste contexto, as reações terapêuticas da psique que se condensam sobre as representações visuais e plásticas da criatividade humana, favorecendo, pela exteriorização estética, a despotencialização dos obstáculos ao contato afetivo com o mundo, se constituindo assim como técnica inclusiva do cuidar.

Nesta experiência, chegamos a um acordo em equipe para que a leitura das notícias, ao invés de ocorrer de forma conjunta com a turma, fosse feita em pequenos sub grupos, cada qual com uma determinada notícia, de acordo com uma proposta inicial da coordenadora da pesquisa. Esta proposta não havia sido seguida nas três experiências anteriores. Na nova oportunidade, julgamos preferível que, paralelamente à leitura em sub grupos, ocorresse discussão coletiva, envolvendo o debate, a disponibilidade de exposição dos alunos e o embate com o inesperado vindo dos próprios alunos, na interação coletiva.

Além disto, de um ponto de vista mais operacional, foi possível entrever, como um gesto de vivificação do território representado, a introdução de alteração nas delimitações do mapa digitalmente projetadas em imagem para a forma desenhada pelos alunos sobre uma cartolina colada na posição vertical no quadro da sala de aula, o que permitiu o preenchimento a posteriori da base do mapa com cores, mudando o posicionamento da cartolina para a posição horizontal, o que favoreceu a pintura dos bairros em várias cores, por diferentes alunos .

Regrediu, neste sentido, o desafio representado pelo trabalho com a interesclaridade, junto com as possibilidades abertas de aproximação entre sujeitos da ação e sujeitos do conhecimento, e persistiu a consulta ao imaginário visual dos alunos, sobre o presente, para a concepção de símbolos da ação social. O trabalho com a interesclaridade, a projeção e a simbolização encontra amplo respaldo na experiência descrita em Boaventura de Souza Santos (1991). Desde a experiência anterior, passamos a nos preocupar com os procedimentos de adequação do tamanho dos símbolos: 1) a uma legenda da ação social de tamanho avantajado e 2) à localização no mapa e distribuição das quatro categorias em torno do lugar da ação. Com estas preocupações, foi realizado o teste da possibilidade de introdução de cor na diferenciação dos bairros.

Na medida em que trabalhamos balizados pela teoria crítica do espaço, e valorizamos a categoria político-filosófica proposta por Milton Santos (1994) do Homem lento, aquele que, diante das barreiras colocadas aos recursos do meio técnico científico nas cidades e a correspondente aceleração do ritmo de vida, recorre à sua corporeidade como meio de socialização na cidade, torna-se relevante reconhecer o momento que atravessa a Escola Carlos Maia, que teve interrompido o processo de informatização pela desativação da sua conexão com a Internet e subsequente dispensa da empresa responsável pelos serviços de informática. Enquanto isto, através do projeto do LEME-NUTEMC com a escola, foi disponibilizado um projetor em condições de uso desde que o usuário disponha de notebook. Somam-se recursos, portanto, em meio a uma crescente precariedade, que obriga à combinação criativa de meios para que as experiências de ensino, incluindo as relacionadas à cartografia da ação, possam prosseguir.

Por fim, cabe acrescentar que a cartografia da ação na escola vem se constituindo como uma metodologia de ensino que promove o encontro entre o saber dos alunos, as técnicas gerais de construção de mapas e a representação simbólica do movimento da sociedade. Constitui-se ainda como processo aberto à incorporação de procedimentos conceituais e o desenvolvimento de jogos que estimulam práticas lúdicas do sujeito do conhecimento no processo de apropriação do espaço urbano.

Assim, pretendemos compartilhar com os alunos experiências de construção cartográfica que retirem dos mapas a importância excessiva dada à concepção geopolítica hegemônica do espaço e que valorizem, cada vez mais, a representação simbólica da ação social (sem a padronização midiática) protagonizada pelo sujeito do conhecimento, potencial sujeito da ação.

Entre os ajustes detectados como prioritários, para a próxima experiência, destacamos: 1) o estudo (leitura, interpretação, classificação) da ação, através da notícia, em sub grupos deve ser associada a uma sequência de atividades envolvendo um estágio intermediário de construção de mapa e o debate coletivo; e 2) na confecção da faixa do título do mapa a ser sugerido pelos alunos, percebemos que o uso livre de símbolos, pelos alunos, tende a reproduzir representações padronizadas, caracterizando uma tendência à reprodução de estereótipos. Pretendemos ainda elaborar uma solução de uso lúdico e didático para o conteúdo do glossário, através da qual seja possível estimular a produção de desenhos que permitam a comparação com fotografias da ação social divulgadas pela imprensa.

Por isso, nos balizamos na proposta de BOAL (2009, p.17-18) de que no mundo em que vivemos, “através da arte, da cultura e de todos os meios de comunicação que as classes dominantes, com claro objetivo de analfabetizarem o conjunto das populações, os opressores controlam e usam a palavra (jornais, tribunas, escolas...), a imagem (foto, cinema, televisão), o som (rádios, CDS, shows musicais...), monopolizando esses canais e produzindo uma estética anestésica (...) conquistam o cérebro dos cidadãos pra esterilizá-lo e programá-lo na obediência, no mimetismo e na falta de criatividade” (p. 17-18).

“A Estética do Oprimido (...) coloca o oprimido como protagonista do processo estético, não simples fruidor da arte. Oferece meios estéticos necessários para o desenvolvimento de sua própria cultura, com seus próprios meios e metas. Não apenas educa nos elementos do como se pode se fazer, mas, pedagogicamente, estimula os participantes a buscarem seus próprios caminhos” (p.166).

Neste sentido, a cartografia da ação, ao estimular processos alternativos de simbolização de mapas, encontra-se com a Estética do Oprimido, que reconhece 1) palavra, imagem e som como veículos da sensibilidade e da criatividade próprias de cada ser humano, e 2) que caminhamos para uma situação de resgate da capacidade de todos enunciarem suas próprias histórias, através da liberação destes canais criativos e estéticos.

OBSERVAÇÃO DO “MAPA DE SÃO GONÇALO, NOSSA CIDADE E DA VIDA”

Apesar da dicotomia concretizada na separação entre o mapa da circulação dos alunos na cidade – “ Mapa de São Gonçalo, nossa cidade e da vida” e o mapa da ação social em São Gonçalo entre 2010 e 2011 “Mapa gonçalense e das estrelas”, ao avaliarmos o resultado da investigação entre os símbolos desenhados pelos alunos (o que costuma fazer em São Gonçalo ?) à esquerda na legenda do primeiro mapa citado, destaca-se fortemente o recurso ao Shopping Center (10 em 16 citações de alunos) como destino da saída do lugar de moradia.

“ o turismo recreativo, cultural, de compras e de negócios tem se mostrado importante dinamizador econômico e social nos projetos de revitalização das áreas centrais , particularmente nas áreas portuárias e frentes da água, onde a simbiose histórica entre a cidade e o mar pode ser amplamente explorada e transformada num efetivo cenário – são os Festival Market Malls, as marinas, os aquários e museus, os centros de conferência, etc”.(idem, 2009, p. 66)

Colocação que tenciona a situação dos dois principais shoppings em São Gonçalo, por estarem situados um no centro da cidade (Boulevard Shopping), e outro no alto de uma elevação de frente para a Baía de Guanabara (Shopping São Gonçalo em Boavista), ligado à circulação rodoviária por um elevado acessível por rodovia à beira-mar (BR 101 – Niterói - Manilha).

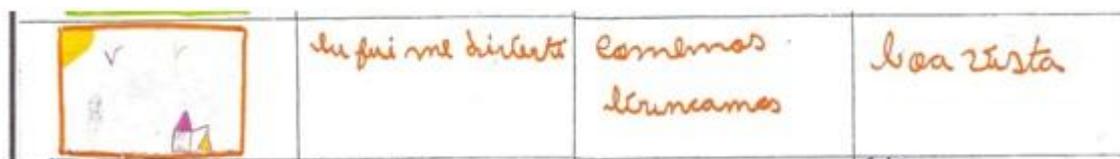
Outro aspecto envolvido nessa aglutinação de componentes (forma – situação – atividade) urbanísticos e arquitetônicos do shopping center parece se aplicar, de acordo com Barbosa (2001), segundo alguns parâmetros formais pós-modernos da arquitetura contemporânea, como a volta a formas arredondadas em oposição à ‘aridez da arquitetura modernista da razão’ empobrecedora das possibilidades de expressão simbólica. Para esta autora o reaparecimento de formas e símbolos arquetípicos na arquitetura pós-moderna pode ser interpretado, a partir de uma abordagem junguiana, como produto da tendência auto – reguladora e compensatória da psique a recriar espaços para a vivência de sentimentos e emoções.

Em sua investigação sobre o shopping Praia de Belas em Porto Alegre (RS-Brasil), Barbosa (2001) avalia a associação entre formas decorativas e ordenação do passeio em espaços internos (protegidos do exterior) e com remetimentos temporais (passado, infância), ao mesmo tempo que questiona o que chama de ‘espécie de acordo tácito e voluntário’ o fato de uma vez por mês, em dia de passe livre de ônibus concedido aos habitantes pela prefeitura, ocorrer uma grande presença de jovens pobres vindos da periferia da cidade, enquanto neste dia, se ausentam os frequentadores habituais de classe média. A contribuição mais geral deste trabalho se refere à questão das funções simbólicas do centro urbano e seu possível deslocamento para o interior dos shopping centers.

A pesquisa desenvolvida no Colégio Carlos Maia aponta, a ocorrência desta forma triangular em um dos símbolos criados pelos alunos para legenda do mapa da circulação dos alunos na cidade, pode estar, apontando o shopping como legítimo portador deste equipamento lúdico para a infância conhecido como balanço (ou cabana, ambos da família dos escorregadores, trepadores, gangorras).



Imagem do Mapa elaborado pelos estudantes do Carlos Maia. 2011.



Parte da legenda do mapa fazendo referencia ao Shopping de São Gonçalo.

As referências espaciais, urbanas e ambientais são compreendidas pelas crianças a partir de suas caminhadas pela cidade. Suas trajetórias, para uns mais limitado ao bairro. Para outros vão além da própria cidade, trajetam pela metrópole fluminense. O reconhecimento das carências e dos desejos por uma cidade propositora de urbanidade (encontro, co-presença) pareceu de forma muito forte na construção coletiva dos mapas. Da mesma forma, a consciência de seus agentes e opositores. O que demonstra então o desafio proposto pela cartografia da ação social como uma possibilidade de realizar a “ecologia de saberes” de que trata Boaventura Souza Santos (2010).

CAMINHANDO PARA AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se ignora que deve estar havendo uma construção afetiva em relação à ida ao shopping para as crianças e suas famílias se divertirem. Porém aponta-se que na agregação entre consumo e lazer pode se estar deixando para um plano inferior os espaços públicos comuns da rua e da cidade. Restamos qualificar afetivamente estes outros espaços e esferas da vida pública e coletiva. Neste sentido, aponta-se para o uso de técnicas criativas, estéticas, e se possível, levando em consideração a mobilização corporal para o fomento de uma possibilidade de existência da infância e da juventude mais plena em termos de diversidade de linguagens e saberes para a representação do movimento que leva a sociedade à mudar a cidade.

Finalizamos este artigo, chamando a atenção para a complexidade do que é tratar a cartografia da ação social. Como base conceitual e metodológica. A cartografia da ação social deve ser compreendida como um processo complexo que se dá início com a produção da proposta de trabalho que relacione: território, ação social e vida coletiva. A problemática construída coletivamente é fundamental. Na etapa seguinte, a definição de glossário contribui para a construção de traços (questões problemas) comuns. Organizar um quadro de acontecimentos, de ações, agentes e opositores, permite compreender a relação entre tempo (microconjuntura social e política) e espaço (que local) das ações sociais existentes (protestos, lutas, trajetórias, centralidades políticas, sociais ou de mercado). Passado estas etapas de produção coletiva de formas de apropriação urbana pelas crianças ou por quaisquer outros sujeitos (individual, coletivo ou institucional) que tenham sido analisados, vai-se então para a etapa de representação no mapa. Uma representação feita com muitas mãos e ideias. Fundamental esta etapa de representação coletiva. O que faz do mapa um lugar coletivo, uma construção ampliada. O resultado do mapa não é a finalidade, mas um instrumento cuja finalidade é a produção coletiva. O mapa produzido poderá ficar exposto de acordo com a decisão do coletivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Eva Machado. *Shopping centers e mandalas. Pequeno ensaio sobre o retorno de formas arquitetônicas na arquitetura pós-moderna*. UFPE, 2001. Disponível em <<http://www.ufpe.br/cliuarq/images/documentos/V23N2-2008/artigo2.pdf>>. Coletado em maio de 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, Rio de Janeiro, Zahar Editor, 2003.

BOAL, Augusto. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2009

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005.

BONATES, Mariana. “El Guggenheim y mucho más” – urbanismo monumental e arquitetura de grife em Bilbao. *Revista Pós*, v.16; n.26. São Paulo, dezembro de 2009.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*, Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano: Artes do fazer*. Petropolis: Vozes, 2009.

DIONNE, Hugues. *A pesquisa-ação para o desenvolvimento local*, São Paulo: Liber Livros, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra 1996 (Coleção Leitura)

FERRARA, Lucrécia. D'Alessio *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

KOWARICK, Lúcio. *Capitalismo e marginalidade na América Latina*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. *Fala galera: juventude, violência e cidadania*, Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

RIBEIRO, Ana Clara Torres et al – *Relatório Técnico-Científico do Projeto: Cartografia da Ação e Análise de Conjuntura: reivindicações e protestos em contextos metropolitanos (quatro volumes)*, Programa Cientista do Nosso Estado, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2005-2006.

RIBEIRO, Ana Clara Torres (coord). *Projeto: Vínculo social: cartografia da ação em contextos metropolitanos*. IPPUR-UFRJ, CNPq. 2007-2009.

RIBEIRO, Ana Clara Torres (coord). *Relatório técnico do experimento “Cartografia da ação na escola”*. Edital Humanidades, IPPUR-UFRJ, CNPq -2007-2009.

RIBEIRO, Ana Clara Torres e SILVA , Catia Antonia da (Coords.) *Projeto: Territórios da juventude: experiências em cartografia da ação* (São Gonçalo, RJ). FAPERJ, Edital humanidades. 2009.

RIBEIRO, Ana Clara Torres e SILVA , Catia Antonia da (Coords.) *Relatório científico do Projeto: Territórios da juventude: experiências em cartografia da ação* (São Gonçalo, RJ). FAPERJ, 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Uma cartografia simbólica das representações sociais: prolegômenos a uma concepção pós-moderna do direito* *Espaço & Debates*, vol. 33, Ano XI, 1991.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a ecologia de saberes*. In SANTOS, Boaventura de Souza e MENESES, Maria Paula (orgs.) *Epistemologia do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço e tempo*. Globalização e meio técnico científico informacional. São Paulo: ed. HUCITEC, 1994.

SILVA, Catia Antonia da (coord.). *Relatório Geral do projeto Cartografia da Ação & Educação Ambiental: Primeiro Ano de Experiências – 2011*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FFP/DGEO/LEME.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. *Cidade: lugar e geografia da existência*. Conferência realizada no *5º Simpósio Nacional de Geografia Urbana*, Salvador, 21 a 24 de outubro de 1997.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*, São Paulo: Cortez, 1985 (Coleção Temas Básicos da Pesquisa-Ação).